

FUNÇÃO DAS EPÍGRAFES EM “CRISÁLIDAS”, DE MACHADO DE ASSIS

Tânia Regina dos Santos FERNANDES¹

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo descrever e entender o efeito do funcionamento das epígrafes em dois poemas – “Versos a Corina” e “Stella” – do livro de poesia **Crisálidas**, publicado por Machado de Assis em 1864. Para tanto, será analisada sua correlação com a tradição da cultura literária ocidental observada pela seletividade das epígrafes, representantes das mais diversas tradições culturais e orientações estéticas – da Bíblia até Victor Hugo, passando por Santa Tereza de Jesus, Camões, Théophile Gautier, etc. Nesse estudo, serão consideradas as noções acerca de citação, de intertextualidade e de funcionalidade dos elementos discursivos constituintes do poema, a partir dos modelos teóricos propostos por Compagnon, Genette e Samoyault.

Palavras-chave: Literatura Brasileira. Intertextualidade. Intratextualidade.

1 INTRODUÇÃO

A constituição de um registro literário pode vir a ser demonstrada por meio da constatação da existência de articulações inter-relacionais entre um determinado texto e outros sistemas, registros ou discursos, podendo resultar em uma nova obra capaz de correlacionar-se também aos textos contemporâneos, aos discursos distanciados por épocas ou diversificados culturalmente. A partir desse enquadramento preliminar, esse estudo propõe uma análise da presença e do modo de funcionamento da epígrafe, tida como um índice de inerente relação intertextual inserido na composição de **Crisálidas**, considerado primeiro livro de poesia de Machado de Assis, cuja edição *princeps* foi publicada em 1864.

Com o intuito de buscar compreender o método de composição dessa obra, foram utilizadas como aporte teórico as reflexões de Antoine Compagnon em *La seconde main ou le travail de la citation* (1979), segundo as quais citação é uma prática de linguagem arcaica, “um ato de fala elementar e primitivo” (COMPAGNON, 2007, p. 61), capaz de originar “todas as espécies culturais, ideológicas e retóricas de repetição; seria um ato anterior ao discurso, mas já encerrado no discurso” (COMPAGNON, 2007, p. 61),

¹ Graduação/Bacharelado – Faculdade de Letras (UFRJ). Pesquisa realizada com fomento do Programa PIBIC da FAPERJ, sob orientação do Prof. Dr. Marcus Rogério Salgado (UFRJ). **E-mail:** taniarfernandes@bol.com.br

servindo à estruturação da manutenção e da construção do discurso literário ao longo do tempo.

A partir da afirmação de Compagnon de que “toda a prática do texto é sempre citação” (COMPAGNON, 2007, p. 41), a análise desses dois textos poéticos selecionados em **Crisálidas** foi feita sob duas perspectivas: a primeira trata das características relacionadas à elaboração de um texto literário quando o autor evoca o já dito sob a forma de citação; a segunda perspectiva está relacionada ao resultado da composição, enquanto nova elaboração literária.

Sobre o primeiro aspecto, foi observado na estrutura dos poemas que compõem o livro **Crisálidas**, uma multiplicidade de orientações estéticas, no que se refere à origem das epígrafes citadas, com as quais é possível perceber a influência de outras correntes literárias na construção dessa obra que se integra à cultura literária brasileira. Nesse sentido, foram verificados 29 poemas, dos quais 14 apresentam epígrafes oriundas de alguns programas estético-literários capazes de apontarem para determinados repertórios temático-textuais que fazem parte do acervo literário universal. Ao destacar as epígrafes dos textos poéticos da obra em questão, foi definido o primeiro elemento de análise desse estudo, as epígrafes tidas por Compagnon (2007) como uma modalidade da citação, pois:

A epígrafe é a citação por excelência, a quintessência da citação, a que está gravada na pedra para a eternidade, no frontão dos arcos do triunfo ou no pedestal das estátuas. (Imitando as epígrafes latinas é que os tipógrafos desenharam o caráter romano.) Na borda do livro, a epígrafe é um sinal de valor complexo. É um símbolo (relação do texto com um outro texto, relação lógica, homológica), um índice (relação do texto com um autor antigo, que desempenha o papel de protetor, é a figura do doador, no canto do quadro). Mas ela é, sobretudo, um ícone, no sentido de uma entrada privilegiada na enunciação. (COMPAGNON, 2007, p. 120).

Sobre o segundo aspecto, o livro **Crisálidas** pode ser considerado como uma nova obra literária em que o autor Machado de Assis torna-se o agente de uma composição, em parte heterogênea e inserida no repertório do acervo literário brasileiro como uma produção artístico-literária elaborada de forma singular e em uma época específica, também simbolizando a enunciação cultural referendada por meio de uma obra literária. Considerando-se que, em parte dessa produção o escritor utiliza o método da inserção de “índice cultural” como referencial literário ao epigrafar alguns poemas com palavras já ditas, essa prática permite que haja, portanto, uma renovação e, por vezes, uma extensão da significação a partir de seu próprio espaço-tempo cultural, constituindo assim,

elementos característicos de uma enunciação artístico-literária.

Logo, por serem consideradas as duas vertentes nesse estudo, foram definidos também como elementos de análise, o título e o corpo de texto dos poemas. E para a averiguação da correlação significativa entre a epígrafe e o título e/ou o corpo do texto de um determinado poema, foram consideradas as propostas do também teórico francês, Gérard Genette, *Seuils* (1987) cuja síntese discursiva, ao resgatar o conceito de perigrafia estabelecido por Compagnon (1979), tem por finalidade estabelecer como elementos discursivos paratextuais, todo e qualquer elemento periférico ao texto, de modo a considerá-los como elementos discursivos significativos, divididos em dois grupos. Segundo Gérard Genette (1987), os elementos externos (cartas, entrevistas, comentários, etc.) são definidos como epitextos; e os elementos internos (títulos, dedicatórias, prefácios, notas de rodapé ou de fim de página; entre outros, como as epígrafes) são considerados peritextos.

2 USO DAS EPÍGRAFES

De acordo com Genette (2009, p. 141), “epigrafar é um gesto mudo cuja interpretação fica a cargo do leitor”. A essa afirmação, o teórico vincula quatro possibilidades funcionais para o uso das epígrafes, sobre as quais esse estudo será assentado para o direcionamento da análise proposta a respeito do uso das epígrafes em **Crisálidas**: a) função de comentário, de esclarecimento, de justificativa do título; b) função de “comentário do texto, cujo significado ela precisa ou ressalta indiretamente” (GENETTE, 2009, p. 142), como um enigma que poderá ter seu significado desvendado através de uma leitura minuciosa do texto; c) função de valorização da identidade intelectual do autor da epígrafe e; d) função estabelecida pelo efeito de presença da epígrafe em um determinado texto, como uma espécie de índice cultural, cujo valor discursivo seria o de fornecer informações históricas como a “época, o gênero, ou a tendência de um escrito” (GENETTE, 2009, p. 144).

Para demonstrar a justaposição das reflexões de Compagnon (2007) referente ao ato da citação, e as proposições de Genette (2009) quanto à função da epígrafe, também foram apreciadas as considerações de Tiphaine Samoyault, em **A intertextualidade** (2008), para averiguar a implícita característica do uso da epígrafe, de constituir “uma prática ao mesmo tempo elementar e exemplar de intertextualidade” (SAMOYAULT,

2008, p. 65), por meio da qual a literatura estabelece um diálogo consigo mesma, em uma relação capaz de produzir seu próprio universo referencial. Em **Crisálidas**, parte desse diálogo é expressado pela referência observada na forma estrutural de alguns poemas que apresentam fragmentos temáticos selecionados das diversas linhagens literárias por meio da alocação de algumas epígrafes no início de suas composições:

A epígrafe, destacada do texto que ela antecede e de alguma maneira introduz, é geralmente constituída de uma citação, seguida da referência a seu autor e/ou ao texto do qual ela saiu. A colagem da frase acima do texto, na abertura, faz ao mesmo tempo aparecer uma separação (graças ao branco que dissocia o intertexto e o texto) e uma reunião: o texto apropria-se das qualidades e do renome de um autor ou de um texto precedentes, que estes últimos lhe transmitem por efeito de filiação: o lugar da epígrafe, acima do texto, sugere a sua genealógica. A ligação se faz sempre pelo sentido, mas ela pode ser precisa ou mais difusa. (SAMOYAULT, 2008, p. 64).

Assim as epígrafes apresentam implicitamente informações da história literária, sobretudo, para demonstrar o mecanismo de convergência intertextual capaz de estabelecer sua própria referência, constituindo paralelamente, o seu próprio universo literário. Pois, a forma de composição de alguns poemas observada em **Crisálidas** pode servir para comprovar o que Samoyault (2008) define por “memória da literatura” (SAMOYAULT, 2008, p. 47), por expressar o movimento da literatura através da inserção de fragmentos literários alocados em um texto específico, produzindo um hibridismo discursivo, pressuposto para a noção de intertextualidade. Fenômeno capaz de atuar na dinâmica da extensão literária, observado no âmbito da composição formal e também no âmbito da significação.

No entanto, “a epígrafe pode enfim introduzir um desvio do modelo e a paródia” (SAMOYAULT, 2008, p. 64), um modelo que aparece em **Crisálidas** sob a forma de fragmento de um fato literário distinto sendo mesclado à produção de alguns poemas. Resultando assim, em uma mescla cuja singularidade discursiva cultivada pode também atuar no conjunto do acervo literário como uma nova produção, demonstrando descontinuidade ou subversão de determinados paradigmas literários. Uma transformação observada, por exemplo, com a desconstrução de parte da linearidade significativa pressuposta entre a epígrafe e o texto do poema **Stella**.

3 ANÁLISE DOS DADOS

A linearidade discursiva apresenta-se como um aspecto relevante para a descrição da construção do sentido dos poemas epigrafados em **Crisálidas**, servindo para mensurar o grau de pertinência significativa construída com a articulação realizada entre as partes dos elementos que compõem o poema. Para isso, entre os 29 poemas que constituem o livro **Crisálidas** (1864), foram observados em 14 poemas, a presença de 20 epígrafes, ou aproximadamente 48% dos poemas estão epigrafados, considerando as subdivisões do poema **Versos a Corina**; enquanto 15 poemas, ou aproximadamente 52% dos poemas não estão epigrafados.

A partir desses dados, segue a proposta de descrição do trabalho literário praticado na elaboração desses poemas, que ao serem dispostos com elementos periféricos significativos podem estabelecer, em seu conjunto, uma significação a partir da qual é possível inferir uma gradação em níveis de pertinência significativa discursiva, quando comparada ao elemento índice. Para isso, além das proposições de Gérard Genette (2009), foram consideradas as abordagens de Samoyault (2008) na análise dos poemas feita sob uma perspectiva descritiva, tomando por base o aspecto semântico-lexical. Logo, o aspecto enunciativo da epígrafe, tanto como do título e do corpo do texto do poema em si.

Como exemplificação de parte do corpus literário que constitui os elementos de análise desse estudo, segue abaixo a relação de alguns poemas e suas respectivas epígrafes:

Quadro 1 – Relação poema-epígrafe

(Continua...)

POEMA	EPIGRAFE / AUTOR	ESTÉTICA/VÍNCULO
Stella	« <i>Ouvre ton aile et pars...</i> » (Th. Gauthier)	Romantismo / Parnasianismo
Sinhá	“O teu nome é como o óleo derramado.” (Cântico dos Cânticos)	Tradição Judaico-Cristã Occidental
Aspiração	« <i>Qu’aperçois-tu, mon âme? Au fond, n’est-ce-pas Dieu? Tu vas à lui...</i> » (V. De Laprade)	Romantismo
Epitáfio do México	“Caminhante, vai dizer aos Lacedemônios que estamos aqui deitados por termos defendido as suas leis” (Epitáfio das Thermopylas)	Tradição Clássica Greco-Romana
Versos a Corina - título	“ <i>Tacendo il nome di questa gentilissima</i> ” (Dante)	<i>Dolce stil novo</i>

Fonte: ELABORADA PELA AUTORA, 2016.

Quadro 1 – Relação poema-epígrafe

(Conclusão)

POEMA	EPIGRAFE / AUTOR	ESTÉTICA/VÍNCULO
Versos a Corina – parte I	« <i>Car la beauté tue. Qui l' a vue. Elle enivre et tue</i> » (A. Briseux)	Romantismo
Versos a Corina – parte II	« <i>Mon pauvre coeur, reprends ton sublime courage. Et me chantes ta joie et ton déchirement</i> » (A. Houssaye)	Romantismo
Versos a Corina – parte III	“Se tu pudesses viver um dia na minh’ a alma... feliz criatura, tu saberias o que é sofrer!” (Mickiewicz)	Romantismo
Versos a Corina – parte IV	« <i>Ne vois-tu pas?</i> » (A. M.)	Romantismo
Versos a Corina – parte V	“ <i>Povero mio core! Ecco una separazione di piú nella mia scigurata vita!</i> ” (Silvio Pellico)	Romantismo
Versos a Corina – parte VI	“O amor tem asas, mas ele também pode dá-las” (Homero)	Tradição Clássica Greco-Romana
Última folha	« <i>Tout passe. Tout fuit</i> » (V.Hugo)	Romantismo

Fonte: ELABORADA PELA AUTORA, 2016.

A forma de elaboração dos poemas epigrafados em **Crisálidas** torna possível uma variedade de interpretações, podendo confirmar a significação poética proposta pelo autor da composição, desvendada através do enunciado que também pode proporcionar a extensão do sentido poético, devido à correlação discursiva resultante do hibridismo construído por fragmentos textuais de escritores e épocas diferentes. Fator esse que ressalta a enunciação sob duas óticas diferentes, podendo estender-se a três, quando considerada a época de leitura dessa composição, nesse aspecto insurge a “referencialidade” tratada como “o liame da literatura com o real” (SAMOYAULT, 2008, p. 101).

Percebe-se, portanto, o tempo como um fator variável, tanto pela capacidade de estabelecer características imanes durante a composição de uma obra, quanto pela relevância de sua enunciação na época de interpretação dessa obra literária. Nesse sentido, esse estudo tem por premissa descrever a possibilidade de significação de um determinado poema, considerado pois, seu formato composto pelo título, pela epígrafe e, evidentemente, pelo corpo do texto. Elementos que em conjunto apresentam ou estendem o sentido proposto e/ou constroem novo sentido literário, quando considerada a correlação discursiva representada pelo traço de intertextualidade observado formalmente na composição dos 14 poemas epigrafados.

3.1 O poema “Versos a Corina”

Na tentativa de aplicar as propostas de Genette (2009) ao formato dos poemas epigrafados na obra **Crisálidas** de Machado de Assis, pretende-se explicá-los através de uma leitura interpretativa, em uma análise estruturada pelo aspecto semântico-lexical do discurso enunciado. Sendo assim, segue em detalhes uma proposta de explanação do poema **Versos a Corina** composto por sete epígrafes. Sendo uma delas referente ao título e as outras seis referentes às subdivisões do poema, composto em partes.

Destaca-se logo abaixo do título a epígrafe de Dante (“*Tacendo il nome di questa gentilissima*”)², que embora apresente uma correlação discursiva com a totalidade do poema, foi preciso considerar sua localização – abaixo do título e anterior à primeira parte do poema – para relacioná-la à função de justificativa do título, como um comentário ao nome **Corina** enunciado no próprio título. Para isso, foi considerada a proposta de relação entre o título e a epígrafe, abordada por Genette (2009).

Após a indicação da primeira parte do poema, segue a epígrafe de A. Briseux (“*Car la beauté tue qui l’a vue. Elle nivre et tue.*”)³, a partir da qual o poeta começa por descrever a beleza da “forma peregrina” (ASSIS, 2009, p. 50) nomeada **Corina**, nome de gênero feminino capaz de possibilitar na primeira parte do poema **Versos a Corina**, uma ornamentada elaboração para significar a “origem do teu ser” (ASSIS, 2009, p. 50), liricamente transfigurada sob a figura feminina, “a mulher que reúne a terra e o céu: Corina!” (ASSIS, 2009, p. 51). Dessa maneira, equiparando a mulher à natureza, o poeta prima por “fazer de ambas – uma essência” (ASSIS, 2009, p. 51), incorporando a natureza à figura da mulher e nomeando-as **Corina**, surge uma exaltação lírica pelo processo da existência, como pode ser inferido a partir do sentido extraído da quinta estrofe:

Neste fundo sentir, nesta fascinação,
Que pede do poeta o amante coração?
Viver como nasceste, ó beleza, ó primor,
De uma fusão do ser, de uma efusão do amor.
(ASSIS, 2009, p. 51).

Confirmado pelos três primeiros versos da sexta estrofe:

² “Calando o nome desta gentilíssima.” (DANTE apud ASSIS, 2009, tradução nossa).

³ “Pois a beleza mata

Quem a vê,

Ela embriaga e mata.” (BRISEUX apud ASSIS, 2009, tradução nossa).

Viver, - fundir a existência
Em um ósculo de amor,
Fazer de ambas - uma essência
(ASSIS, 2009, p. 51).

Assim, fica demonstrado que a epígrafe utilizada nessa primeira parte do poema introduz a temática da existência que será desenvolvida ao longo de toda essa primeira parte.

A epígrafe de A. Houssaye (“*Mon pauvre coeur, reprends ton sublime courage. Et me chantes ta joie et ton déchirement*”)⁴ abre a segunda parte do poema, aparecendo como um índice que denota a inserção do estado de angústia do “eu lírico” convertido em estado de sublimação. Uma significação que surge parafraseada pelo segundo verso da quarta estrofe “tanta ansiedade o coração encerra!” (ASSIS, 2009, p. 53), ou comentada nos dois últimos versos da quinta estrofe “desci ao chão do vale que se abria/subi ao cume da montanha alpestre” (ASSIS, 2009, p. 53), ou ainda pela sexta estrofe:

Nada! Volvi o olhar ao céu. Perdi-me
Em meus sonhos de moço e de poeta;
E contemplei, nesta ambição inquieta,
Da muda noite a página sublime.
(ASSIS, 2009, p. 53).

Correlacionando a epígrafe de A. Houssaye à significação dessa parte do poema, percebe-se que o poeta evidencia um contraste entre o vazio e o esplêndido. Estado de aflição experimentado em seu percurso “de campo em campo e plaga em plaga” (ASSIS, 2009, p. 53) vislumbrando a “paz e a calma” (ASSIS, 2009, p. 52), já vividas anteriormente:

A minha alma, talvez, não é tão pura,
Como era pura nos primeiros dias;
Eu sei: tive choradas agonias
De que conservo alguma nódoa escura,
(ASSIS, 2009, p. 52).

Uma paz vivida durante os “sonhos de moço e de poeta” (ASSIS, 2009, p. 53), agora sendo saudosamente referida para superar o estado de aflição:

⁴ “Meu pobre coração, recupera tua sublime coragem
E me canta tua alegria e tua aflição.” (HOUSSAYE apud ASSIS, 2009, tradução nossa).

Mas, tu passaste... Houve um grito
Dentro de mim. Aos meus olhos
Visão de amor infinito,
Visão de perpétuo gozo
Perpassava e me atraía,
Como um sonho voluptuoso
De sequiosa fantasia.
Ergui-me logo do chão,
E pousei meus olhos fundos
Em teus olhos soberanos,
Ardentes, vivos, profundos,
Como os olhos da beleza
Que das escumas nasceu...
Eras tu, maga visão
Eras tu o ideal sonhado
Que em toda a parte busquei,
E por quem houvera dado
A vida que fatiguei;
Por quem verti tanto pranto,
Por quem nos longos espinhos
Minhas mãos, meus pés sangrei!
(ASSIS, 2009, p. 54).

Com essa estrofe, o “eu lírico” apresenta sua contínua busca pelo estado sublime equivalente ao “ideal sonhado” (ASSIS, 2009, p. 54), ou à “forma peregrina” (ASSIS, 2009, p. 50) da primeira parte do poema, nomeada **Corina**. Nota-se assim, uma relação de comentário entre a epígrafe e o texto nessa segunda parte.

A epígrafe de Mickiewicz (“Se tu pudesses viver um dia na minh’alma... feliz criatura, tu saberias o que é sofrer!”) aparece iniciando a terceira parte do poema **Versos a Corina** como um anseio do poeta ao estado de glória que “orna a poesia da história” (ASSIS, 1864, p. 137), com a qual é possível deduzir que a glória tematizada pelo poeta é equiparada às diversas figuras poéticas aludidas na primeira estrofe, como “ilusões doces e vivas” (ASSIS, 1864, p. 135) nas quais o poeta procura sua harmoniosa inspiração.

Por meio de uma correlação intratextual entre as partes do poema, infere-se que a glória descrita nessa terceira parte, surge em consonância com a figura de **Corina**, de quem o poeta teme afastar-se, como pode ser percebido nos versos que compõem a oitava estrofe:

Se faltar esta esmola,
Corina, ao teu poeta, e se a doce ilusão,
Com que se alenta e vive o amante coração,
Deixar-lhe um dia o céu tão azul, tão tranquilo,
Nenhuma glória mais há de nunca atraí-lo.
Irá longe do mundo e dos seus vãos prazeres,
Viver na solidão a vida de outros seres,
Vegetar como o arbusto, e murchar, como a flor,

Como um corpo sem alma ou alma sem amor.
(ASSIS, 1864, p. 137).

De certo modo, esses versos comprovam o receio do poeta à temerosa solidão anunciada pela epígrafe, que também explicita uma exaltação à **Corina** evocando-a implicitamente por “feliz criatura”. A partir dessas observações, é fácil perceber uma interação significativa entre a epígrafe e essa parte do poema, ampliada pela correlação entre as outras partes. Comprovando, portanto, o recurso de construção do sentido discursivo em um nível intertextual, podendo ser também figurado pela correlação intratextual.

A epígrafe (“*Ne vois-tu pas?*”)⁵, aparece relacionada à quarta parte do poema na forma de um questionamento cuja resposta pode ser extraída do sentido das três primeiras estrofes a seguir, das quais é possível também, perceber o desenvolvimento de um comentário para indicar **Corina** como aquela que está sendo questionada na epígrafe de Alfred de Musset:

Tu que és bela e feliz, tu que tens por diadema
A dupla irradiação da beleza e do amor;
E sabes reunir, como o melhor poema,
Um desejo da terra e um toque do Senhor;

Tu, criação feliz de um dia de pureza,
Em que a terra não teve um só pecado, irmã
Das visões que sonhou no culto da beleza
A musa de Petrarca e o pincel de Rembrandt;

Tu que, como a ilusão, entre névoas deslizas
Aos versos do poeta um desvelado olhar,
Corina, ouve a canção das amorosas brisas,
Do poeta e da luz, das selvas e do mar.
(ASSIS, 1864, p. 139-140).

Também como uma possível resposta em complemento à questão imposta pela epígrafe, aparecem tematizados pelo “eu lírico” alguns aspectos do estado da natureza, além, da forma feminina na figura de **Corina** sendo preponderantemente exaltada diante de alguns elementos da natureza como a brisa, a luz, a água e a selva, em uma tentativa de torná-las semelhantes pela magnitude, no entanto, distintas pela forma, como observado na 16ª estrofe:

⁵ “Tu não vês?” (MUSSET apud ASSIS, 1864, tradução nossa).

Ouviste a natureza? Às súplicas e às mágoas
 Tua alma de mulher deve de palpar;
 Mas que te não seduza o cântico das águas,
 Não procures, Corina, o caminho do mar!
 (ASSIS, 1864, p. 143).

Destaca-se, no segundo verso dessa estrofe, uma possibilidade de identificação para o referente “tu” mencionado na epígrafe, completando o sentido vago, colocado pelo questionamento da epígrafe. O que confirma a função de comentário da epígrafe no corpo do texto, proposta por Genette (2009).

A quinta parte do poema traz a epígrafe de Silvio Pellico (“*Povero mio core! Ecco una separazione di piú nella mia sciagurata vita!*”)⁶, como um índice complementado com a primeira estrofe que será duplicada ao final dessa mesma parte:

Guarda estes versos que escrevi chorando
 Como um alívio à minha soledade,
 Como um dever do meu amor; e quando
 Houver em ti um eco de saudade,
 Beija estes versos que escrevi chorando.
 (ASSIS, 2009, p. 59-60).

Por um lado, há novamente com essa epígrafe um direcionamento para ilustrar o temor do “eu lírico” pela possibilidade de solidão já descrita anteriormente na penúltima estrofe da terceira parte “Se faltar esta esmola, [...]” (ASSIS, 1864, p. 137). Por outro lado, essa epígrafe atribuída a Silvio Pellico, também demonstra uma articulação intratextual com outra epígrafe, a do título (“*Tacendo il nome di questa gentilíssima*”). Unindo esses atributos à percepção da ausência do nome **Corina** nessa parte do poema, é possível deduzir que exista um antagonismo entre a epígrafe do título e a epígrafe dessa quinta parte. O que conduz a uma reelaboração da significação por meio dessa quinta parte, em que se pode perceber uma certa lamentação e angústia pelo afastamento de **Corina** idealizada sob a figura da amada.

A sexta e última parte do poema apresenta a epígrafe de Homero (“O amor tem asas, mas ele também pode dá-las”), com a qual o lirismo sublime parece estar sendo consubstanciado pelo sentimento de amor dispensado naturalmente à **Corina**:

Lá, como quando volta a primavera em flor,
 Tudo sorri de luz, tudo sorri de amor;

⁶ “Pobre do meu coração! Eis uma separação a mais na minha vida miserável!” (PELLICO apud ASSIS, 2009, tradução nossa).

Ao influxo celeste e doce da beleza,
Pulsa, canta, irradia e vive a natureza;
Mais lânguida e mais bela, a tarde pensativa
Desce do monte ao vale; e a viração lasciva
Vai despertar à noite a melodia estranha
Que falam entre si os olmos da montanha;
A flor tem mais perfume e a noite mais poesia;
O mar tem novos sons e mais viva ardentia;
A onda enamorada arfa e beija as areias,
Novo sangue circula, ó terra, em tuas veias!
(ASSIS, 2009, p. 61).

Para apresentar a experiência do amor no processo de construção da existência, o poeta vislumbra a grandeza da natureza, simulando a beleza da criação por meio da figura de **Corina** para “sentir e ver o amor através de uma alma” (ASSIS, 2009, p. 62). Por meio dessa convergência, o poeta ilustra uma ampliação da significação da epígrafe enunciada nessa parte, reformulando-a e justificando-a com os seguintes versos:

O esplendor da beleza é raio criador:
Derrama a tudo a luz, derrama a tudo o amor.
(ASSIS, 2009, p. 61).

Em uma demonstração da difusão lírica produzida por intermédio da epígrafe, o poeta reconhece e qualifica em **Corina** a virtude de amar, anunciando que “tinhas a alma e o amor” (ASSIS, 2009, p. 62). Conseqüentemente, é destacada uma ligação metafórica da epígrafe com o corpo do texto, comprovando a abordagem de Genette (2009) no que se refere à inserção da epígrafe como uma citação provida de significação e comentada no corpo do texto, é possível distinguir também, os aspectos imanentes da composição capazes de comprovarem a formulação do sentido nessa última parte do poema **Versos a Corina**.

3.2 O poema “Stella”

Aprofundando a proposta de Genette (2009) a respeito do funcionamento da epígrafe como comentário do texto, “cujo significado ela precisa ou ressalta indiretamente” (GENETTE, 2009, p. 142), fica destacada pela análise do poema **Stella**, a abordagem de Samoyault (2008) em que a proposta de inter-relacionamento literário pode resultar em uma articulação transformacional quando comparada a uma determinada referência do universo literário. Observando o poema **Stella**, quando se considera uma

leitura direcionada superficialmente pela significação do fragmento truncado da epígrafe de Théophile Gautier (“*Ouvre ton aile et pars...*”)⁷ fica a impressão de tratar-se de um pássaro devido à significação semântica do vocábulo *aile* (asa); nesse caso, percebe-se um índice que ao ser relacionado ao título poderia conduzir a leitura para uma exaltação da figura feminina, reforçada pelo quarto verso da terceira estrofe, retomado como primeiro verso da décima e última estrofe “A virgem da manhã” (ASSIS, 2009, p. 39). Uma heterogeneidade textual que, a princípio poderia exemplificar a proposta de Gérard Genette (2009) de justificativa do título, ao qual estariam relacionados outros vocábulos encontrados no corpo do texto que também poderiam ser associados ao estereótipo feminino.

No entanto, por meio da matéria textual já homogeneizada, ao considerar o aspecto de singularidade observado pelo resultado dessa composição, é possível deduzir a existência de uma passagem gradativa de significação por intermédio da correlação entre os elementos discursivos paratextuais analisados e as características intrínsecas da significação produzida no corpo do texto, estabelecendo níveis quanto à pertinência significativa referencial.

Destacando-se a singularidade discursiva também a partir de uma leitura motivada pelo aspecto semântico-lexical do poema **Stella**, nome ao qual está atrelada a significação etimológica de **estrela**, a partir da qual se propõe uma poética de exaltação dos aspectos referentes à temática da lírica de contemplação da natureza, presente tanto no título, quanto na alusão da epígrafe à figura de um pássaro. Um encadeamento lírico construído pelo corpo do texto, de onde podem ser destacados vários vocábulos capazes de demonstrarem a referencialidade do ambiente que ilustra o fenômeno natural e imperativo da sucessão entre a noite e o dia.

Para isso, foi considerada a articulação significativa metafórica entre a epígrafe e o segundo verso da primeira estrofe “A noite arrasta o manto” (ASSIS, 2009, p. 38), “a fim de analisar não só as modificações do enunciado emprestado como também, mais ainda, as transformações que este enunciado opera na forma e no conteúdo do texto de acolhida” (SAMOYAULT, 2008, p. 125), o que estabelece em parte, uma articulação de grau médio, tendendo a um grau baixo para o resultado dessa articulação quanto à equivalência do sentido discursivo apresentado pela epígrafe, o que caracteriza o aspecto

⁷ “Abre tuas asas e parte...” (GAUTIER apud ASSIS, 2009, tradução nossa).

transformacional dessa articulação, exemplificada e desenvolvida com a quarta estrofe:

Uma por uma, vão
As pálidas estrelas,
E vão, e vão com elas
Teus sonhos, coração.
(ASSIS, 2009, p. 38-39).

Esses quatro versos podem ser tidos como uma glosa ao verso “A noite arrasta o manto” (ASSIS, 2009, p. 38), ao se considerar como um fato da realidade, a luminosidade, e conseqüentemente, a visibilidade das estrelas somente a partir de um ambiente noturno, alusão para **manto**. Uma estrofe que de forma implícita, também articula-se de forma metafórica com a epígrafe quando se estende a significação da epígrafe de movimento de um pássaro ao fenômeno natural de rotação em que a noite é camuflada pelo dia, como demonstrado nas 2^a, 3^a, 6^a e 9^a estrofes, a seguir:

Tíbio clarão já cora
A tela do horizonte,
E já de sobre o monte
Vem debruçar-se a aurora.

À muda e torva irmã,
Dormida de cansaço,
Lá vem tomar o espaço
A virgem da manhã.

Vai. Radioso e ardente,
Em breve o astro do dia,
Rompendo a névoa fria,
Virá do roxo oriente.

De tudo nos desperta
Luz de importuno dia;
Do amor que tanto a enchia
Minha alma está deserta.
(ASSIS, 2009, p. 38-39).

Essas estrofes evidenciam a hipótese de baixo grau de equivalência discursiva entre a significação da epígrafe e o texto (corpo do poema), pois mesmo considerando a epígrafe como índice intertextual, o que se percebe como resultado dessa articulação é, pois, a sobreposição do sentido discursivo da singular homogeneidade do poema em relação ao sentido introduzido pela epígrafe. Demonstrando assim, a abordagem de Samoyault (2008) de que a intertextualidade representada formalmente, nesse caso, pela epígrafe antes do corpo do poema, pode evidenciar os traços de uma transição de sentido

e demonstrar uma subversão discursiva capaz de representar o aspecto transformacional no âmbito da construção literária, pois “a citação pode deste modo paradoxalmente aparecer como o lugar pelo qual a transmissão ocorre assim como o da impossibilidade de transmitir, quando se impõem as ideias de presença e imanência” (SAMOYAULT, 2008, p. 138).

Logo, comprovando que a intertextualidade formalizada na composição de um texto pode produzir efeitos diversos no que concerne ao resultado de sua receptividade enquanto nova produção literária. Por exemplo, um resultado que aponte para um grau baixo de equivalência discursiva, um grau médio de equivalência discursiva ou um alto grau de equivalência discursiva, a depender do sentido extraído entre os elementos intertextuais constituidores da composição.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo, direcionado em parte pela análise dos poemas **Versos a Corina** e **Stella**, demonstrou como a intertextualidade formalizada na utilização das epígrafes no início desses poemas, pôde constituir funcionalmente uma gradação na construção do sentido discursivo dos poemas epigrafados analisados em **Crisálidas** (1864). Referendando, portanto, como a singularidade de um texto literário fornece subsídios capazes de demonstrarem traços identificadores do nível de gradação significativa, cujo parâmetro pode servir para orientar a disposição dessa elaboração literária no âmbito do universo da memória da literatura, como sendo um produto transmissor e/ou um produto transformador, aspecto traduzido no e pelo contexto cultural.

Embora esse estudo tenha servido para evidenciar uma maior probabilidade do aspecto relacional da epígrafe com o título ou com o corpo do texto, resultante da análise do poema **Versos a Corina** servindo, pois, para comprovar uma articulação de transmissão discursivo-literária; também foi possível ressaltar pela articulação literária, como o hibridismo construído no poema **Stella** serve para formar uma matéria homogeneizada, enunciada para demonstrar não só a renovação, mas também a transformação de uma significação proposta pela epígrafe, demonstrando o modo como um índice literário pôde ser vinculado artisticamente, construindo uma singularidade observada pelos próprios atributos do poema **Stella**.

O estudo dessas duas composições epigrafadas, realizado a partir do modelo

teórico desenvolvido por Gérard Genette (2009) em **Paratextos editoriais**, indica que a utilização de elementos discursivos como as epígrafes, pode ser útil para demonstrar a construção ou a extensão de significação da temática de alguns gêneros estéticos identificados pelas epígrafes inseridas em uma parte dos poemas em **Crisálidas**. Sendo, portanto, por meio de mecanismos como as articulações intertextual e intratextual, que as temáticas aparecem sendo transmitidas ou transformadas em uma concomitante atuação para a extensão da memória literária.

Além disso, como propõe Compagnon e pode ser verificado nos poemas epigrafados ora estudados, toda a realização textual pode ser comparada a uma citação, conceito no qual inserem-se as epígrafes enxertadas nos poemas aqui tratados. Composições essas que quando consideradas produtos constituidores da literatura, também passam a demonstrar a abordagem de Samoyault (2008) referente ao funcionamento da articulação intertextual atuante tanto na transmissão discursiva, quanto na constituição de novas temáticas discursivas sendo inseridas na memória da literatura.

FUNCTION OF THE EPIGRAPHS IN "CRISALIDAS", BY MACHADO DE ASSIS

ABSTRACT

*This article aims to study the effects caused by the epigraphs in the poems Versos a Corina and Stella – extracted from **Crisálidas**, a book of poetry written by Machado de Assis and published in 1864. In order to achieve this aim, the tradition of Western literary culture will be observed through the selection of the epigraphs, since they are representative of several cultural traditions and aesthetical directions – (from the Bible to Victor Hugo, as well as Santa Tereza de Jesus, Camões, Théophile Gautier etc). Also into the scope of this study are the notions about quotation, intertextuality, intratextuality and functionality of the elements of a poem based on Compagnon, Genette and Samoyault theoretical models.*

Keywords: *Brazilian Literature. Intertextuality. Intratextuality.*

REFERÊNCIAS

ASSIS, M. de. **Crisálidas**. Rio de Janeiro: Garnier, 1864.

ASSIS, M. de. **Brasiliana Digital**. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/>>. Acesso em: 24 jun. 2015.

ASSIS, M. de. **Poesias Completas: Crisálidas, Falenas, Americanas, Ocidentais**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; INL, 1976.

ASSIS, M. de. **A Poesia completa**: edição anotada: recepção crítica. Organização e fixação dos textos por Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin; Ed. da USP, 2009.

COMPAGNON, A. **La seconde main ou le travail de la citation**. Paris: Seuil, 1979.

COMPAGNON, A. **O trabalho da citação**. Tradução de Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2007.

GENETTE, G. **Seuils**. Paris: Seuil, 1987.

GENETTE, G. **Paratextos editoriais**. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê, 2009.

SAMOYAUULT, T. **A intertextualidade**. Tradução de Sandra Nitrini. São Paulo: Hucitec, 2008.

Recebido em: 24 maio 2016.

Avaliado em: 26 set. 2016.

Publicado em: 31 dez. 2016.

Como referenciar este artigo científico:

FERNANDES, Tânia Regina dos Santos. Função das epígrafes em “Crisálidas”, de Machado de Assis. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 3, p. 158-174, dez. 2016.